

WILLIAM BUTLER YEATS

NOS SETE
BOSQUES





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



Nos Sete Bosques

*PRINCIPAIS POEMAS EXISTENTES DA ERA HERÓICA
IRLANDESA*

1903

William Butler Yeats

Tradução: Gustavo Guimarães

Título Original:
In The Seven Woods
[facebook.com/DyingTreeBooks](https://www.facebook.com/DyingTreeBooks)
© 2021 Dying Tree Books

Sumário

NOS SETE BOSQUES

A VELHA IDADE DE QUEEN MAEVE

BAILE E AILLINN

A FLECHA

A LOUCURA DE SER CONFORTADO

O MURCHAMENTO DOS RAMOS

A MALDIÇÃO DE ADÃO

A CANÇÃO DE RED HANRAHAN

OS VELHOS ADMIRANDO-SE NA ÁGUA

SOB A LUA

OS TOCADORES PEDEM UMA BÊNÇÃO NOS SALTÉRIOS E
EM SI MESMOS

O CAVALEIRO DO NORTE

Comentário De Yeats

NA VERTENTE DE BAILE, UMA PEÇA.

O Autor

NOS SETE BOSQUES

Eu ouvi os pombos dos Sete Bosques
Fazer seu trovão fraco, e as abelhas do jardim
cantarolar nas flores da tília; e ponha de lado
Os clamores inúteis e a velha amargura
Que esvaziam o coração. Eu esqueci por um tempo
Tara desenraizada, e nova vulgaridade
Sobre o trono e chorando pelas ruas
E pendurando suas flores de papel de um poste para outro,
Porque é o único feliz de todas as coisas.
Estou contente porque sei que Quiet Wanders

Rindo e comendo seu coração selvagem
Entre pombos e abelhas, enquanto aquele Grande Arqueiro,
Que apenas espera Sua hora para atirar, ainda pendura
Uma aljava nublada sobre Parc-na-Lee.

Agosto de 1902.

A VELHA IDADE DE QUEEN MAEVE

Maeve, a grande rainha, andava de um lado para o outro,
Entre as paredes cobertas com bronze batido,
Em sua casa alta em Cruachan; a longa lareira,
Cintilando com cinzas e avelãs, mas mostrava pela metade
Onde os cansados garotos de cavalo jaziam nos juncos,
Ou nos bancos debaixo das paredes,
Em sono confortável; todos os vivos dormiram
Mas aquela grande rainha, que mais da metade da noite
Andou de porta em porta e fogo em porta.
Embora agora em sua velhice, em sua tenra idade
Ela tinha sido linda daquele jeito antigo
Isso está quase acabado; pois o coração orgulhoso se foi
E o coração tolo do contador teme tudo
Senão a beleza suave e o desejo indolente.
Ela poderia ter chamado sobre a borda do mundo
Qualquer que fosse o amante da mulher que tivesse caído
em sua imaginação,
E ainda assim tinha sido grande corpo e grandes membros,
Moldada para ser a mãe de filhos fortes;
E ela teve olhos de sorte e um coração elevado,
E sabedoria que pegou fogo como o linho seco,
Na necessidade, e a fez bonita e feroz, De
repente e risonha.

Ó coração inquieto,
Por que você elogia outra, elogiando-a,
Como se não houvesse nenhuma história, mas a sua
própria,
Vale a pena tricotar em uma medida de doce som?

Não te ordenei que fales daquela grande rainha
Que está enterrada há cerca de dois mil anos?

Quando a noite estava no auge, um ganso selvagem
gritou da guarita do porteiro, e com longo clamor
Sacudiu os chifres e escudos de cerveja em seus ganchos;
Mas os cavaleiros continuaram dormindo, como se algum
poder

tivesse enchido a casa com o peso dos druidas;
E se perguntando quem, dentre os muitos Sidhe mutantes,
tinha vindo como nos velhos tempos para aconselhá-la,
Maeve caminhou, embora com passos lentos sendo velhos,
Para aquela pequena câmara pelo portão externo.

O porteiro dormia, embora sentasse ereto,
Com os membros imóveis e pétreos e os olhos abertos.
Maeve esperou, e quando aquele barulho ensurdecido
rompeu de seus lábios entreabertos e rompeu novamente,

Ela colocou a mão em qualquer um de seus ombros,
E o sacudiu completamente, e disse-lhe que dissesse
Quem dos errantes e mutantes

Perturbou seu sono. Mas tudo o que ele tinha a dizer
Era que, o ar estava pesado e os cachorros
mais quietos do que durante um bom mês,
Ele havia adormecido e, embora não tivesse sonhado nada,
consequia se lembrar de quando tivera belos sonhos.

Foi antes da grande guerra
pelo touro de chifre branco e pelo touro marrom.

Ela se virou; ele voltou a dormir
Que nenhum deus o incomodava agora, e, imaginando o
que estava acontecendo entre os Sidhe,
Maeve caminhou por aquele grande salão e com um suspiro
levantou a cortina de seu quarto de dormir,
Lembrando que ela também parecia divina
Para muitos mil olhos, e para o seu próprio
Aquele que as gerações esperaram por muito tempo

Esse trabalho é muito difícil para mãos mortais.
Pode ser realizado. Fechando a cortina
Ela viu seu marido Ailell dormindo ali,
E pensou nos dias em que ele tinha um corpo reto,
E naquele famoso Fergus, o marido de Nessa,
Que tinha sido o amante de sua meia-vida.

De repente, Ailell falou durante o sono,
E não com sua própria voz ou a voz de um homem,
mas com a voz ardente, viva e inabalável
De quem pode nunca envelhecer.
Ele disse: 'Alta Rainha de Cruachan e Mag Ai
Um rei da Grande Planície falaria com você.'
E com voz alegre Maeve respondeu a ele: 'Que Rei
Das sombras errantes veio a mim?
Como nos velhos tempos, quando eles iam e vinham para
me aconselhar e ajudar.'
Os lábios entreabertos responderam: 'Eu procuro sua ajuda,
Pois eu sou Aengus e estou cruzado de amor.'

'Como pode um mortal cuja vida se esgota
Ajudar aqueles que vagam com as mãos apertando as mãos
Por rios onde nem a chuva nem o granizo obscurecem
Suas imagens altivas, que não podem desaparecer
Embora sua beleza seja como um sonho vazio'

'Eu vim dos rios não turvos para pedir que você chame
Os filhos do Maines a acordarem,

E os colocarem cavando na colina de Anbual.
Nós, sombras, enquanto eles arrancam sua casa terrena,

Vamos derrubar suas sombras e levar
Caer, sua filha de olhos azuis que eu amo.
Eu ajudei seus pais quando eles construíram essas paredes
E eu teria sua ajuda em minha grande necessidade,

Rainha de Cruachan'.

'Eu obedeço a tua vontade
Com pés rápidos e um coração muito agradecido:
Pois você tem sido, ó Aengus dos pássaros,
Nosso doador de bons conselhos e boa sorte'.
E com um gemido, como se o hálito mortal
Pudesse despertar tristemente sobre os lábios.
Aquele hálito mais feliz se moveu, seu marido virou o
rosto para baixo, revirando-se em um sono agitado;
Mas Maeve, e não com um pé fraco e lento,
Veio para a soleira da casa pintada,
Onde seus netos dormiam, e choravam alto,
Até que a escuridão com pilares começou a se mexer
Com gritos e tinidos de braços desenganchados.

Ela contou a eles sobre os muitos que mudam;
E durante toda aquela noite, e durante todo o dia seguinte
Até meia-noite, eles cavaram na colina.
À meia-noite, grandes gatos com garras de prata,
Corpos de sombra e olhos cegos como pérolas,
Saíam do buraco, e cães de orelhas vermelhas
Com longos corpos brancos saíram do ar
De repente, correram para eles e os perseguiram.

Os filhos dos Maines largaram as espadas e ficaram de pé.
Com articulações trêmulas e rostos cheios de terror,
até que Maeve gritou: 'Esses são apenas homens comuns.
Os filhos de Maines não baixaram suas pás
Porque a Terra louca por seu poder quebrado
Faz um espetáculo e os ventos respondem
com sombras sagradas'. Seu coração estava alegre,
E quando o tumulto correu ao longo da grama
Ela seguiu com passos leves no meio,
Até que morreu onde um velho espinheiro estava.

Amiga de tantos anos, você também resistiu
Com igual coragem naquela turbulenta derrota;
Para você, embora você não tenha seu coração errante,
Tem toda essa grandeza, e não só ela.
Pois não há nenhuma grande história sobre rainhas
Em qualquer livro antigo, mas fala de você,
E quando eu ouvi como elas envelheceram e morreram
Ou caíram na infelicidade, eu disse;
'Ela vai envelhecer e morrer e ela tem lamentado'!
E quando eu escrevia de novo, as palavras,
meio louco com o pensamento, ela também lamentou!
Ultrapasse a medida.

Eu contaria sobre aquela grande rainha
Que permaneceu no meio de um silêncio perto do espinho
Até que dois amantes surgiram do ar
Com corpos feitos de fogo suave. Aquele
em cujo rosto os pássaros balançavam suas asas de fogo
Disse: 'Aengus e sua amante agradecem
a Maeve e à família de Maeve, devendo tudo a
eles o leito da noiva que dá paz'.
Então Maeve: 'Ó Aengus, Mestre de todos os amantes,
Mil anos atrás você conversou alto
Com os primeiros reis de muitos pilares de Cruachan
Ó, quando você ficará cansado'.

Eles haviam desaparecido,
mas do ar escuro sobre sua cabeça veio
um murmúrio de palavras suaves e lábios se encontrando.

BAILE E AILLINN

Argumento. Baile e Aillinn eram amantes, mas Aengus, o Mestre do Amor, desejando que eles fossem felizes em sua própria terra entre os mortos, contou a cada um a história da morte do outro, de modo que seus corações se partiram e eles morreram.

Eu mal ouço o grito do maçarico,
Nem a pressa cinzenta quando o vento está forte,
Antes que meus pensamentos comecem a correr
Sobre o herdeiro de Ulad, filho de Buan,
Baile que tinha a boca de mel,

E aquela suave mulher do sul,

Aillinn, que era o herdeiro do Rei Lugaid.
O amor deles nunca se afogou nos cuidados
Disto ou daquilo, nem esfriou
Porque seus corpos envelheceram;
Proibido de se casar na terra

Eles floresceram em alegria imortal.

Sobre a época em que Cristo nasceu,
Quando as longas guerras pelo Chifre Branco
e pelo Touro Marrom ainda não haviam chegado,
Jovem Baile Honey-Mouth, a quem alguns
chamavam de Baile Little-Land,
saiu de Emain com um bando
de harpistas e jovens, e eles

imaginaram, enquanto batiam no caminho
Para muitos pastores Muirthemne,
Que todas as coisas aconteciam com alegria
E lá, por tudo o que os tolos haviam dito,
Baile e Aillinn se casariam.

Eles encontraram um homem velho correndo lá,
Ele tinha cabelos longos e desganhados de cor amarelo-
grama;
Ele tinha joelhos que saíam da meia;
Ele tinha uma poça d'água em seus sapatos;
Ele tinha meia capa para mantê-lo seco;
Embora ele tivesse olhos de esquilo.

Ó pássaros errantes e camas apressadas
Você coloca tanta loucura em nossas cabeças
Com todo esse choro ao vento
Nenhum amor comum está em nossa mente,
E nossa pobre Kate ou Nan é menor
Do que qualquer um cuja infelicidade
Despertou as cordas da harpa há muito tempo.
No entanto, eles que sabem todas as coisas, mas sabem
Que tudo que a vida tinha para nos dar é
uma risada de criança, um beijo de mulher.
Quem foi colocado com tanto desprezo
Nos juncos cinzentos naquela noite e na manhã
São pisados e quebrados pelos rebanhos,
E nos corpos leves dos pássaros
Que o vento norte balança para frente e para trás
E aperta entre o granizo e a neve?

Esse mensageiro disse: “Eu sou do sul;
Eu corro para Baile Honey-Mouth
Para contar a ele como a garota Aillinn
Rode do país de seus parentes

E velhos e jovens cavalgam com ela:
Pois todo aquele país tinha estado agitado
Se alguém tão belo
tivesse escolhido um marido em qualquer lugar,
mas onde podia vê-la todos os dias.
Quando eles cavalgaram um pouco
Um velho acertou a cabeça do cavalo
com 'Você deve voltar para casa e se casar
com alguém em sua própria terra'.
Um jovem chorou e beijou sua mão
'Ó senhora, case-se com um de nós;'
E quando nenhum rosto ficou comovido
Por qualquer coisa gentil que ela disse,
Ela caiu e morreu de coração partido”.

Porque o coração de um amante está desgastado
Sendo desmoronado e explodido
Por sua própria imaginação cega,
E vai acreditar que tudo
Que é ruim o suficiente para ser verdade, é verdade,
O coração de Baile foi partido em dois;
E ele, sendo colocado sobre ramos verdes,
Foi levado para a bela casa
Onde o Cão de Ulad estava sentado diante
das colunas de bronze de sua porta;
Seu rosto se curvou para chorar o fim
Da filha do harpista e sua amiga;
Pois embora anos tivessem se passado,
Ele sempre os lamentou naquele dia,
Pois naquele dia eles haviam sido traídos;
E agora que Honey-Mouth está deitada
Debaixo de um monte de pedra sonolenta
Diante de seus olhos, ele não tem lágrimas por ninguém,
Embora ele carregue pedra, senão duas
Para as quais o monte de pedras se amontoou de novo.

Nós o mantemos porque nossa memória está
tão cheia daquilo e disso
Aquilo que está fora da vista está fora da mente.
Mas a corrida cinza sob o vento
E o pássaro cinza com bico torto
Têm memórias tão longas que ainda
se lembram de Deirdre e seu homem,
E quando caminhamos com Kate ou Nan
Sobre o lado da água ventosa
Nosso coração pode ouvir as vozes repreender.
Como poderíamos estar tão contentes?
Quem sabe o caminho que Naoise percorreu?
E eles têm notícias dos olhos de Deirdre
Que sendo adorável era tão sábio
Ah sábio, meu coração sabe bem o quão sábio.

Agora aquele velho macilento astuto,

Apanhando sua capa sobre si, corre
Onde Aillinn cavalgava com criadas
que em meio a luzes e sombras frondosas

Sonhavam com as mãos que desatariam
Seus corpetes em algum lugar escuro
Quando eles chegassem ao leito de casamento;
E harpistas ponderando com a cabeça baixa
Uma música que considerasse o suficiente
na vazante de todas as coisas para fazer o amor
Crescer gentil sem tristezas;
E homens revestidos de couro com fundas
Que espiavam por todos os lados;
E em meio à luz frondosa ele gritou,
'Ele está bem protegido do vento e das ondas,
Eles amontoaram as pedras acima de sua sepultura
Em Muirthemne e sobre ela
Em letras Ogham imutáveis escritas em

Baile que era da semente de Rury.
Mas os deuses há muito decretaram que
nenhuma empregada doméstica deveria esticar
o leito matrimonial de Baile e Aillinn,
Pois eles deveriam cortar e cortar novamente
Onde as abelhas selvagens se agrupam na Grande Planície.
Portanto, são poucas as notícias
que colocam essa pressa no meu lugar.

E apressando-se para o sul, ele veio
Para aquela colina alta que os pastores
chamam de A Colina de Leighin, porque
algum deus ou rei tinha feito as leis
Que mantinham a terra unida ali,
Nos velhos tempos entre as nuvens do ar.

Aquele velho escalou; o dia escureceu;
Dois cisnes vieram voando até ele
Ligados por uma corrente de ouro cada um a cada um
E com um discurso de riso murmurante baixo
Pousado na grama ventosa.
Eles o conheciam: seu corpo mudado era
Alto, orgulhoso e rosado, e asas leves
pairavam sobre as cordas da harpa
Que Etain, a esposa de Midhir, teceu
No esconderijo, enlouquecida de amor.

Como devo chamá-los? peixes que nadam
Escala de fricção onde a luz é fraca
Por uma larga folha de nenúfar;
Ou ratos em um feixe de trigo
Esquecidos na eira;
Ou pássaros perdidos em um espaço claro
Da luz da manhã em um céu escuro;
Ou pode ser, as pálpebras de um olho
Ou os pilares da porta de uma casa,

Ou dois doces ramos de maçã em flor
Que têm uma sombra no chão;
Ou as duas cordas que faziam um som
Onde o dedo daquele sábio harpista corria;
Para esta jovem e este jovem
Tenham felicidade sem fim
Porque eles foram amigos tão bons.

Eles conhecem todas as maravilhas, pois passam
pelos portões altos de Gorias
e Findrias e Falias
E Murias há muito esquecidos,
Entre os reis gigantes cujo tesouro
Caldeirão e lança e pedra e espada
Foi roubado antes que a Terra desse o trigo;
Vagando de rua em rua quebrada
Eles vêm onde algum grande observador está
E tremem com seu amor e beijo.

Eles sabem coisas imortais, para que
Wander onde cernelha terra de distância,
Embora nada perturbe os grandes fluxos
Mas a luz das estrelas pálidas, e brilhos
dos pomares sagrados, onde não há nenhum
Mas fruto que é de pedra preciosa,
Ou maçãs do sol e lua.

Qual foi o nosso louvor para eles: eles comem
O coração selvagem do silêncio, como carne diária,
Que quando a noite se adensa estão flutuando
Sobre peles manchadas em um barco de vidro
Longe sob um céu sem vento,
Enquanto sobre eles pássaros de Aengus voam,
E sobre o leme e a proa
E agitando asas brancas para lá e para cá

Desperte andanças de ar leve
Para agitar sua colcha e seus cabelos.

E os poetas encontraram, dizem os antigos escritores,
Uma árvore de teixo onde seu corpo jazia,
Mas uma maçã selvagem escondeu a grama
Com sua doce flor onde estava a dela;
E estar de bom coração, porque
Um tempo melhor havia chegado novamente
Depois da morte de muitos homens,
E aquela longa luta no vau,
Eles escreveram em placas de tábua fina,
Feitos de maçã e teixo,
Todas as histórias de amor que eles conheciam.

Que o junco e os pássaros gritem à vontade

Da filha do harpista, se quiserem,
Amada, não tenho medo dela
Ela não é mais sábia nem mais adorável,
E você é mais elevado de coração do que ela
Por todas as suas andanças pelo mar;
Mas eu teria um pássaro e correria a esquecer
Aqueles outros dois, pois nunca ainda

O amante viveu, mas desejou casar
Como aqueles que não estão mais vivos.

A FLECHA

Pensei em sua beleza e nesta flecha
Feita de um pensamento selvagem está em minha medula.
Nenhum homem pode olhar para ela, nenhum homem,
Como quando recém-crescida para ser uma mulher,
Flor pálida, ela puxou para baixo a flor pálida
Na hora da traça e escondeu-a em seu seio.
Esta beleza é mais gentil ainda por um motivo que
Eu poderia lamentar que o antigo está fora de época.

A LOUCURA DE SER CONFORTADO

Alguém que é sempre gentil disse ontem:
'O cabelo de sua amada tem fios grisalhos
E pequenas sombras surgiram em seus olhos;
O tempo só pode tornar mais fácil ser sábio
Embora agora seja difícil, até que os problemas acabem;
E então seja paciente, seja sábio e paciente amigo'.
Mas coração, não há conforto, nem um grão

O tempo pode, a não ser fazer sua beleza de novo
Por causa de sua grande nobreza;
O fogo que se agita ao seu redor, quando ela agita
Queima, porém com mais clareza; Oh, ela não tinha esses
caminhos,
Quando todo o verão selvagem estava em seu olhar.
Oh coração, coração, se ela apenas voltasse a cabeça,
Você saberia a loucura de ser confortado.

O MURCHAMENTO DOS RAMOS

Eu chorei quando a lua estava murmurando para os pássaros

'Deixe o peewit chamar e o curlew chorar onde eles quiserem

Eu anseio por suas palavras alegres, ternas e lamentáveis,
Pois as estradas são intermináveis e não há lugar para minha mente.'

A luapálida de mel estava baixa na colina sonolenta
E eu adormeci na solitária Echtge dos riachos;
Nenhum ramo secou por causa do vento invernal,
Os ramos murcharam porque eu lhes contei meus sonhos.

Eu conheço os caminhos arborizados que as bruxas tomam,
Que vêm com suas coroas de pérolas e seus fusos de lã,
E seu sorriso secreto, das profundezas do lago;
E das ilhas de maçã onde os Danaan sopram
E relaxam suas danças quando a luz esfria.

Nos gramados da ilha, seus pés onde a espuma pálida brilha;

Nenhum ramo secou por causa do vento invernal,
Os ramos murcharam porque eu lhes contei meus sonhos.

Eu conheço o país sonolento, onde cisnes voam
Acorrentados com correntes douradas e cantam enquanto voam,

Um rei e uma rainha estão vagando por lá, e o som

Os fez tão felizes e sem esperança, tão surdos e tão cegos
Com sabedoria, eles vagueiam até que todos os anos tenham se passado;

Eu sei, e o curlew e o peewit em Ectge dos riachos;
Nenhum ramo secou por causa do vento invernal,
Os ramos murcharam porque eu lhes contei meus sonhos.

A MALDIÇÃO DE ADÃO

Nós nos sentamos juntos no final de um verão
Aquela linda mulher suave, sua amiga íntima
E você e eu, e conversamos sobre poesia.

Eu disse: 'uma linha talvez nos leve horas,
No entanto, se não parecer um momento para pensar,
Nossa costura e descostura não valeram nada.
Melhor descer sobre os ossos da medula
E esfregar o pavimento de uma cozinha, ou quebrar pedras
Como um velho indigente em todos os tipos de clima;
Pois articular sons doces juntos
é trabalhar mais do que tudo isso e ainda
ser considerado um preguiçoso pelo barulhento conjunto
De banqueiros, professores e clérigos que
os mártires chamam de mundo.'

Aquela mulher então
Murmurou com sua voz jovem, por cujo amor suave
Há muitos que descobrirão todas as dores de cabeça
Ao descobrir que é jovem, branda e baixa.
'Há uma coisa que todas nós mulheres sabemos,
embora nunca tenhamos ouvido falar dela na escola,
que devemos trabalhar para ser bonitas.'

Eu disse: 'É certo que não há nada bom
desde a queda de Adão, mas precisa de muito trabalho.
Houve amantes que pensaram que o amor deveria ser
tão composto de alta cortesia
Que suspirariam e citariam com olhares eruditos

Precedentes de belos livros antigos;
No entanto, agora parece um comércio ocioso o suficiente'.

Ficamos quietos em nome do amor.
Vimos as últimas brasas da luz do dia morrerem
E no trêmulo azul-esverdeado do céu
Uma lua, gasta como se fosse uma concha
Lavada pelas águas do tempo enquanto subiam e desciam
Sobre as estrelas e se quebravam em dias e anos.

Não pensei em ninguém além de seus ouvidos;
Que você era linda e que me esforcei
para amá-la no antigo caminho elevado do amor;
Que tudo parecia feliz, mas tínhamos o coração

Tão cansado quanto aquela lua oca.

A CANÇÃO DE RED HANRAHAN

As velhas árvores espinhosas marrons se partem em duas partes sobre Cummen Strand
Sob um vento negro e amargo que sopra da mão esquerda,
Nossa coragem se quebra como uma velha árvore em um vento negro e morre;
Mas escondemos em nossos corações a chama dos olhos de Cathleen, a filha de Houlihan.

O vento juntou as nuvens sobre Knocknarea
E lançou o trovão nas pedras por tudo o que Maeve pode dizer.
Raivas que são como nuvens barulhentas incendiando nossos corações;
Mas todos nós nos abaixamos e beijamos os pés silenciosos de Cathleen, a filha de Houlihan.

A poça amarela transbordou alto em Clooth-na-Bare,
Pois os ventos úmidos estão soprando do ar pegajoso;
Como pesadas águas inundando nossos corpos e nosso sangue;
Mas mais pura do que uma vela alta diante do Santo Rood,
é Cathleen, filha de Houlihan.

OS VELHOS ADMIRANDO-SE NA ÁGUA

Eu ouvi os velhos dizerem:

'Tudo se altera,
e um a um caímos.'

Eles tinham mãos como garras, e seus joelhos
estavam retorcidos como as velhas acácias
pelas águas.

Eu ouvi os velhos dizerem:

'Tudo que é lindo vai embora
Como as águas'.

SOB A LUA

Não tenho felicidade em sonhar com Brycelinde;
Nem Avalon, o vale verdejante, nem Joyous Isle,
Onde encontrado Lancelot enlouquecido e escondeu-o por
um tempo,
Nem Ulad quando Naoise tinha jogado uma vela ao vento,
Nem terras que parecem muito turvas para ser encargos
sobre o coração,
Land-under-Wave, onde fora da luz da lua e do sol
Sete velhas irmãs enrolam os fios dos longevos,
Land-of-the-Tower, onde Aengus destruiu os portões,
E Wood-of-Wonders, onde alguém mata um boi ao
amanhecer
Para encontrá-lo quando a noite cai, deitado em um esquife
dourado:
Lá estão muitas rainhas como Branwen e Guinivere;
E Niam, Laban e Fand, que poderiam se transformar em
uma lontra ou fulvo
E a mulher da floresta cujo amante foi transformado em um
falcão de olhos azuis;
E quer eu vá em meus sonhos pela floresta, ou pardo, ou
praia,
Ou nas ondas despovoadas com reis para puxar o remo,
Eu ouço a corda da harpa elogiá-los ou ouço sua conversa
triste.
Por causa de uma história que ouvi sob o chifre fino
Da terceira lua, que pairava entre a noite e o dia,
Sonhar com mulheres cuja beleza se dobrou em desânimo,
Mesmo em uma velha história, é um fardo que não se
carrega.

OS TOCADORES PEDEM UMA BÊNÇÃO NOS SALTÉRIOS E EM SI MESMOS

Três Vozes juntas

Corra para abençoar as mãos que tocam
As bocas que falam, as notas e cordas
Oh mestres da cidade resplandecente!
Oh! deite a trombeta estridente,
Embora embriagada com as bandeiras que balançam
Sobre as muralhas e as torres,
E com o balançar de suas asas.

Primeira voz

Talvez eles se demorem no caminho;
Um pega sua toga roxa;
Um se inclina e murmura perto da parede;
Ele teme o peso das horas mortais.

Segunda Voz

Oh, não, não, eles descem apressados
Como tarambolas que ouviram o chamado.

Terceira Voz

Oh, parentes dos Três em Um,
Oh, parentes abençoem as mãos que jogam.
As notas que eles excitam viverão
Quando toda essa história pesada terminar.
Nossas mãos, nossas mãos devem declinar.

Três vozes juntas

As notas orgulhosas e descuidadas continuam vivas
Mas abençoe nossas mãos que vão embora.

O CAVALEIRO DO NORTE

Da peça *O País dos Jovens*

Há muitos fazendeiros fortes
Cujo coração se partiria em dois
Se ele pudesse ver a cidade
Para a qual estamos cavalgando;
Os ramos têm seus frutos e flores,
Em todas as épocas do ano,
Rios estão transbordando
Com cerveja vermelha e cerveja marrom.
Um velho toca gaita de fole
Em um bosque dourado e prateado,
Rainhas, seus olhos azuis como o gelo
Estão dançando no meio da multidão.

A raposinha murmurou,
'O que é a ruína do mundo?'
O sol estava rindo docemente,
A lua puxou minhas rédeas;
Mas a pequena raposa vermelha murmurou
'Oh, não puxe suas rédeas,
Ele está cavalgando para a cidade
Essa é a ruína do mundo.'

Quando seus corações estão tão altos,
Que eles entrariam em choque,
Eles desengancharam suas espadas pesadas
dos galhos de ouro e prata;
Mas todos os que são mortos em batalha
Despertem para a vida novamente;
É uma sorte que sua história

não seja conhecida entre os homens.
Pois Oh fazendeiros fortes
Que deixariam a pá cair,
Pois seus corações seriam como uma xícara
Que alguém tivesse bebido até secar.

A raposinha murmurou,
'O que é a ruína do mundo?'
O sol estava rindo docemente,
A lua puxou minhas rédeas;
Mas a pequena raposa vermelha murmurou
'Oh, não puxe suas rédeas,
Ele está cavalgando para a cidade
Essa é a ruína do mundo.'

Miguel vai desenganchar sua trombeta
de um galho no alto,
E soprar um pouco de barulho
quando a ceia estiver servida.
Gabriel virá da água
Com rabo de peixe, e falará
Das maravilhas que aconteceram
Em estradas molhadas onde os homens caminham,
E levantam um chifre velho
De prata martelada, e bebem
Até que ele adormece
Na beira estrelada.

A raposinha murmurou,
'O que é a ruína do mundo?'
O sol estava rindo docemente,
A lua puxou minhas rédeas;
Mas a pequena raposa vermelha murmurou
'Oh, não puxe suas rédeas,
Ele está cavalgando para a cidade
Essa é a ruína do mundo.'

Comentário De Yeats

Fiz alguns desses poemas caminhando entre os Sete Bosques, antes que o forte vento de mil novecentos e três derrubasse tantas árvores e perturbasse as criaturas selvagens e mudasse a aparência das coisas; e pensei ali uma boa parte da peça que se segue. A primeira forma dela me veio em um sonho, mas mudou muito na feitura, renunciando, pode ser, uma mudança que pode trazer uma vontade menos onerosa em meus versos. Nunca reescrevi nada tantas vezes; pois a princípio não pude tornar poéticas essas vontades que se transformam em mera vida. Mas agora espero fazer facilmente muito mais do tipo, e que nossos novos artistas irlandeses encontrem o sapato e a meia.

NA VERTENTE DE BAILE, UMA PEÇA.

OS PERSONAGENS DA PEÇA.

CUCHULLAIN, o Rei de Muirthemne.

CONCOBAR, o Grande Rei de Ullad.

DAIRE, um rei.

FINTAIN, um cego.

BARACH, um idiota.

Um Jovem homem.

Jovens Reis e antigos Reis.

CENA: um grande salão à beira-mar perto de Dundalga. Há duas grandes cadeiras de cada lado do corredor, cada uma levantada um pouco do chão, e nas costas de uma das cadeiras está entalhada e pintada uma mulher com um rabo de peixe, e nas costas da outra um cão de caça. Existem cadeiras menores e bancos elevados em fileiras ao redor das paredes. Há um grande barril de cerveja de um lado, perto de uma pequena porta, e uma grande porta nos fundos, através da qual se pode ver o mar. Barach, um homem alto e magro com cabelos longos e desgrenhados, vestido com peles, entra pela porta lateral. Ele lidera Fintain, um cego gordo, um pouco mais velho.

BARACH.

Fecharei a porta, pois esse vento que vem do mar penetra em meus ossos, e se eu partir apenas um centímetro para o vento, haverá um como um floco de gelo do mar que pode entrar em casa.

FINTAIN.

Qual é o nome dele, idiota?

BARACH.

É uma mulher, entre os Cavaleiros do Sidhe. É a própria Boann do rio. Ela deixou a cama do Dagda e atravessou o sal do mar e subiu até a costa de Baile, e tudo por amor a mim. Deixe-a ficar com a cama do marido, pois ela não quer nada de mim. Ninguém sabe o quão lascivas são essas deusas. Eu a vejo em todos os tipos de formas, mas frequentemente ela está no vento e grita: 'dê um beijo e coloque seus braços em volta de mim'. Mas não, ela não terá mais de mim. Ontem, quando estendi os lábios para beijá-la, não havia nada além do vento. Ela é má, Fintain. Oh, ela é má. É melhor eu fechar a porta grande também. (ele está indo em direção à porta grande, mas se vira ouvindo a voz de Fintain.)

FINTAIN.

(quem está apalpando com sua bengala) O que é isso e isso?

BARACH.

São cadeiras.

FINTAIN.

E isto?

BARACH,

Ora, isso é um banco.

FINTAIN.

E isto?

BARACH.

Uma cadeira grande.

FINTAIN.

(sentindo as costas da cadeira) Há uma mulher do mar esculpida nela.

BARACH.

E há outra cadeira grande do outro lado do corredor.

FINTAIN.

Leve-me a ela. (ele murmura enquanto o idiota o conduz) Isso é o que o Alto Rei Concoabar tem em seu escudo. O rei supremo virá. Eles trouxeram sua cadeira. (ele começa a apalpar as costas da outra cadeira.) E há uma cabeça de cachorro aqui. Eles trouxeram a cadeira do nosso mestre. Agora eu sei do que os garotos dos cavalos estavam falando. Não devemos ficar aqui. Os reis vão se encontrar aqui. Agora que Concoabar e nosso mestre, que é seu chefe, acabaram com todos os inimigos de Ullad, eles vão reconstruir Emain novamente. Eles vão conversar sobre seus planos para construí-la. Você já esteve na cidade de Concoabar antes de ela ser queimada? Ó, ele é um grande Rei, pois embora Emain tenha sido queimada, todas as guerras o tornaram mais rico. Ele tem pratos de ouro e

prata, e tabuleiros de xadrez e castiçais em pedras preciosas. Tolo, eles tiraram a tampa do barril de cerveja?

BARACH.

Eles tiraram.

FINTAIN.

Então traga-me um chifre de cerveja rapidamente, pois os Reis estarão aqui em um minuto. Agora posso ouvir. Diga-me o que você viu esta manhã?

BARACH.

Sobre o jovem e a luta?

FINTAIN.

Sim.

BARACH.

E depois disso podemos ir comer a ave, porque estou com fome.

FINTAIN.

Tempo suficiente, tempo suficiente. Você está com tanta pressa quanto quando me levou ao Trono de Aine, onde os cães loucos se reúnem quando a lua está cheia. Continue com sua história.

BARACH.

Eu estava rastejando por baixo de uma vala, com a ave na minha bolsa de couro, mantendo-me na margem onde o fazendeiro não podia me ver, quando me deparei com um

navio puxado para a areia, um grande navio vermelho com uma cabeça de mulher em cima.

FINTAIN.

Um navio de fora do país de Aoife. Todos eles têm uma cabeça de mulher na proa.

BARACH.

Havia um jovem de rosto pálido e cabelo ruivo parado ao lado dela. Alguns de nosso povo vieram para proteger a costa. Eu os ouvi perguntar ao jovem seu nome. Ele disse que estava sob obrigações de não contar. Então as palavras vieram entre eles, e eles lutaram, e o jovem matou metade deles, e os outros fugiram.

FINTAIN.

Não importa nada para nós, mas ele finalmente veio.

BARACH.

Quem veio?

FINTAIN.

Eu sei quem é aquele jovem. Não existe outro como ele no mundo. Eu o vi quando tive minha visão.

BARACH.

Você viu ele?

FINTAIN.

Eu costumava estar no país de Aoife quando ainda tinha minha visão.

BARACH.

Isso foi antes de você embarcar e ficar cego por lançar uma maldição ao vento?

FINTAIN.

A rainha Aoife tinha um filho ruivo e rosto pálido como ela, e todos diziam que ele mataria Cuchullain algum dia, mas eu não teria falado nisso.

BARACH.

Ninguém poderia fazer isso. Quem era seu pai?

FINTAIN.

Ninguém além de Aoife sabia disso, nem mesmo o jovem.

BARACH.

Nem mesmo o jovem. Aoife era uma deusa e lasciva?

FINTAIN.

Eu a ouvi dizer que ela nunca teve, senão um amante, e que ele foi o único homem que a venceu na batalha. Havia alguns que o consideravam um dos Cavaleiros dos Sidhe, porque a criança era grande em membros e mais forte do que os outros. A criança foi gerada nas montanhas; mas chegue mais perto e eu lhe direi algo.

BARACH.

Você pensou em algo?

FINTAIN.

Quando ouço as meninas falando sobre a cor dos olhos de Cuchullain e como eles têm sete cores, pensei a respeito. Esse jovem tem o rosto e o cabelo de Aoife, mas tem os olhos de Cuchullain.

BARACH.

Como ele pode ter os olhos de Cuchullain?

FINTAIN.

Ele é filho de Cuchullain.

BARACH.

E sua mãe o enviou aqui para lutar contra seu pai.

FINTAIN.

É tudo muito claro. Cuchullain foi para o país de Aoife quando era jovem para aprender a usar armas, e lá se tornou amante de Aoife.

BARACH.

E agora ela o odeia porque ele foi embora e mandou o filho matar o pai. Eu sabia que ela era uma deusa.

FINTAIN.

E ela nunca disse a ele quem era seu pai, para que ele pudesse fazer isso. Já pensei em tudo, idiota, sei muitas coisas porque ouço quando ninguém está percebendo e mantenho meu juízo desperto. O que te incomoda agora?

BARACH.

Lembrei-me de que estou com fome.

FINTAIN.

Bem, esqueça novamente e eu contarei a você sobre o país de Aoife. Está cheio de maravilhas. Existem muitas rainhas lá que podem se transformar em lobos, porcos e lebres brancas, e quando estão em suas próprias formas são mais fortes do que quase qualquer homem; e há rapazes lá que têm olhos de gato e se um pássaro gorjeia ou um rato chia, eles não podem mantê-los fechados, mesmo que seja hora de dormir e eles estejam com sono; e ouça, pois esta é uma grande maravilha, uma maravilha muito grande, há uma ponte longa e estreita, e quando alguém vai atravessá-la, que as Rainhas não gostam, ela voa para cima como este banco faria se você se sentasse o fim de tudo. Todo mundo que vai lá para aprender habilidade com as armas tem que cruzar. Foi nesse país também que Cuchullain fez sua lança de ossos de dragão. Havia dois dragões lutando na espuma do mar, e sua avó era a lua, e seis Rainhas vieram ao longo da costa.

BARACH.

Não vou ouvir sua história.

FINTAIN.

É uma história maravilhosa. Espere até ouvir o que as seis Rainhas fizeram. Suas mãos direitas eram todas feitas de prata.

BARACH.

Não, vou jantar primeiro. Você comeu a ave que deixei na frente do fogo. A última vez que você me mandou roubar algo, você me fez esquecer tudo até que você o tivesse comido.

FINTAIN.

Não, há muito para nós dois.

BARACH.

Venha comigo onde está.

FINTAIN.

(que está sendo conduzido em direção à porta nos fundos por Barach) Ó, está tudo bem, está em um lugar seguro.

BARACH.

É uma bela ave. Era a maior do quintal.

FINTAIN.

Tinha um cheiro bom, mas espero que os cães selvagens não o tenham sentido. (Ouvem-se vozes do lado de fora da porta.) Aqui está nosso mestre. Vamos ficar e conversar com ele. Talvez Cuchullain lhe dê um novo chapéu com uma pena. Ele me disse que lhe daria um novo chapéu com uma pena, uma pena com um olho que olha para você, uma pena de pavão.

BARACH.

Não, não (ele começa a puxar Fintain em direção à porta).

FINTAIN.

Se você não entender agora, talvez nunca mais consiga, pois o jovem pode matá-lo.

BARACH.

Não, não, estou com fome. Que cabeça você tem, cego. Quem, senão você, teria se lembrado que a mulher-galinha dormia um pouco ao meio-dia todos os dias.

FINTAIN.

(que está sendo conduzido muito lentamente e de má vontade) Sim, eu tenho uma boa cabeça. A ave deve ser feita da maneira certa, mas nunca se sabe quando um cachorro selvagem pode sair da floresta. (Eles saem pela porta grande nos fundos. À medida que saem, Cuchullain e alguns jovens Reis entram pela porta lateral. Cuchullain, embora ainda jovem, é muito mais velho do que os outros. Estão todos muito bem vestidos e têm seus cabelos presos com novelos de ouro. Os jovens se aglomeram em torno de Cuchullain com uma atenção admirada.)

PRIMEIRO JOVEM REI.

Você jogou aquela pedra além de nossa marca máxima
Vez após vez, mas ainda não está cansado.

SEGUNDO JOVEM REI.

Ele dormiu no solo nu da Colina de Fuad
Na semana passada, esperando os touros e os veados.

CUCHULLAIN.

Bem, por que eu deveria estar cansado?

PRIMEIRO JOVEM REI.

É certo que
Seu pai era o deus que girava o sol,

E não o rei Sualtam.

TERCEIRO JOVEM REI.

(para um jovem rei que está ao lado dele) Ele entrou o
amanhecer,
E dobrou Dectara em um incêndio repentino.

QUARTO JOVEM REI.

E, no entanto, a metade da mãe pode muito bem ficar
cansada,
E ela acaba de vir de trabalhos marítimos.

TERCEIRO JOVEM REI.

Ele esteve em ilhas cercadas de prata,
E lutou com gigantes.
(Eles se reúnem em volta do barril de cerveja e começam a
beber.)

CUCHULLAIN.

Quem foi que saiu?

TERCEIRO JOVEM REI.

Quando entramos?

CUCHULLAIN.

Sim.

TERCEIRO JOVEM REI.

Barach e o cego Fintain.

CUCHULLAIN.

Eles sempre se reúnem; O cego
precisa da visão e do corpo forte do tolo
Enquanto o pobre tolo precisa da inteligência do outro,
E a noite e o dia chegam até seus ouvidos no mal
Que o cego imagina. Não tem galinheiro
Mas cacareja e cacareja quando ele passa
Como se fosse uma raposa. Se eu tivesse aquele novelo
que está em seu cabelo e a grande pedra de novo,
Eu os manteria jogando, embora aquela seja pesada
E a outra luz na mão. Um truque que aprendi
Quando estava estudando armas no país de Aoife.

PRIMEIRO JOVEM REI.

Que tipo de mulher era aquela Aoife?

CUCHULLAIN.

Atraente.

PRIMEIRO JOVEM REI.

Mas eu ouvi dizer que ela nunca foi casada,
E ainda assim isso é natural, porque eu nunca conheci
uma mulher lutadora, mas fiz seus favores baratos,
Ou zombei do amor até que ela secou na areia.

CUCHULLAIN.

Que tipo de mulher você mais gosta?
Uma gentil ou uma feroz.

PRIMEIRO JOVEM REI.

Uma gentil, certamente.

CUCHULLAIN.

Eu acho que uma mulher feroz é melhor, uma mulher
Que foge quando você pensa que ela ganhou,
Pois eu estaria alimentado e com fome ao mesmo tempo.
Eu acho que toda paixão profunda é apenas um beijo
No meio da batalha, e uma paz difícil
Entre óleo e água, velas e noite escura,
Hill-side e vazio, o sol de pés quentes,
E a lua fria de pés escorregadios,
Um breve perdão entre opostos
Que foram ódios por três vezes a idade
De seu terreno há muito estabelecido. Aqui está o Concoabar;
Portanto, estarei pronto, mas fique ao meu lado ainda,
Pois enquanto ele fala de bronze martelado e pergunta
Qual a melhor madeira para construir, podemos falar
de uma mulher feroz.

(Concoabar, um homem muito mais velho do que
Cuchullain, entrou pela grande porta nos fundos. Ele tem
muitos reis ao seu redor. Um desses reis, Daire, um velho
robusto, está um tanto bêbado.)

CONCOBAR.

(para um dos que estão sobre ele) O navio já foi embora?
Precisamos de mais trabalhadores de bronze e aquele navio
Que enviei para a África em busca de ouro está atrasado.

CUCHULLAIN.

Eu conhecia a conversa deles.

CONCOBAR.

(vendo Cuchullain) Você está diante de nós, Rei.

CUCHULLAIN.

Tanto melhor, pois eu o recebo
Em meu Muirthemne.^[1]

CONCOBAR.

Mas quem são esses?
O odor de suas roupas quando se mexem
É como o vento que sopra de um jardim de maçãs.

CUCHULLAIN.

Meus espadachins, tocadores de harpa e excelentes
dançarinos,
Meus amigos do peito.

CONCOBAR.

Eu deveria ter pensado, Cuchullain,
Minha companhia mais séria seria mais adequada à
Sua grandeza e à sua idade; mas perco fôlego
Repetindo essa história.

CUCHULLAIN.

Você sim, grande Rei.
Porque a juventude deles é a onda vagante gentil
Que me carrega pelo mundo; e se afundasse,
Minha espada perderia a leveza.

CONCOBAR.

No entanto, Cuchullain,
Emain deve ser a cidade mais importante do mundo.

CUCHULLAIN.

É a cidade mais importante.

CONCOBAR.

Não, não é.
Nada além de homens pode tornar as cidades grandes, e
ele,
O homem exagerado que está no mundo, fica longe.

DAIRE.

Ele não vai ouvir você, Rei,
e nós, velhos, é melhor ficarmos juntos
Vou encher o chifre para você.

CONCOBAR.

Não vou beber, velho idiota. Você bebeu um chifre
Em cada porta que viemos.

DAIRE.

É melhor você beber,
Pois os velhos voltam a sua juventude
Na cerveja marrom. Depois de beber o suficiente,
sou como Cuchullain como uma ervilha
e vivo como o voo de um pássaro de árvore em árvore.

CONCOBAR.

Iremos para nossas cadeiras, pois temos muito o que
conversar,
E temos Ullad e Muirthemne, e aqui
Está Conall Muirthemne bem a tempo.

(Ele vai para o fundo do palco para dar as boas-vindas a
uma companhia de Reis que entra pela grande porta. Os
outros Reis gradualmente entram em seus lugares.
Cuchullain se senta em sua grande cadeira com alguns dos

jovens em pé ao seu redor. Outros dos jovens, no entanto, permanecem com Daire no barril de cerveja. Daire estende o chifre de cerveja para um ou dois dos Reis mais velhos quando eles passam por ele indo para seus lugares. Eles passam por ele, a maioria deles silenciosamente recusando.)

DAIRE.

Você não vai beber?

UM ANTIGO REI.

Não até o fim do conselho.

UM JOVEM REI.

Mas vou beber, Daire.

OUTRO JOVEM REI.

Encha-me um chifre também, Daire.

UM OUTRO JOVEM REI.

Se eu tivesse bebido metade do que você bebeu hoje,
Eu estaria de quatro.

DAIRE.

Isso seria natural
Quando a Mãe Terra tivesse dado a você este bom leite
De seus grandes seios.

CUCHULLAIN.

(para um dos jovens Reis ao lado dele)

Ficamos contentes por algum tempo
Com uma mulher suave e calorosa que dobra nossas vidas
Em uma rede de seda. Então, não se sabe por que,
Mas está fora após um coração duro.

O JOVEM REI.

Por quanto tempo a rede pode nos manter?

CUCHULLAIN.

Todas as nossas vidas
Se houver filhos, e uma dúzia de luas
Se não houver, porque uma criança em crescimento
Tem tanta necessidade de vigiar que pode criar
Uma paixão que é tão mutável quanto o mar
Mudar até segurar a vasta terra em seu coração.
Pelo menos já ouvi um pai dizer isso, mas como eu
não tenho filhos, não sei disso. Chegando perto ainda;
Embora ele esteja tocando aquela velha barra de prata
Teremos nossa própria conversa. Eles não podem nos ouvir.

(Concobar, que agora está sentado em sua grande cadeira, em frente a Cuchullain, bate na coluna da casa que está mais próxima a ele com uma vara de prata, até que os Reis se calem. Só Cuchullain continua a falar em voz baixa com aqueles sobre ele, mas não tão alto a ponto de perturbar o silêncio. Concobar levanta-se e fala de pé.)

CONCOBAR.

Eu os chamei aqui de Reis de Ullad, e Reis
De Muirthemne e Connall Muirthemne,
E Reis tributários, pois agora há paz—
É hora de construir Emain que foi queimada
No início dessas guerras; pois nós,
sendo os homens mais importantes, deveríamos ter

cadeiras altas

E ser muito olhados e admirados, e falar
Com mais corações transbordantes de risos
Do que os homens comuns. É a arte dos Reis
Tornar o que é nobre mais nobre aos olhos dos homens
Por largos telhados elevados, onde ouro batido,
Que é corado de desejo, casa prata pálida
Entre as vigas de sombra; e muitas vezes
Eu teria chamado você aqui para este trabalho,
Mas sempre, quando eu quase te convoquei,
Alguma guerra ou alguma rebelião estouraria.

DAIRE.

Onde está Maine Morgor e os filhos do velho Usnach,
E aquela rainha de cabeça alta que caminhava equilibrada,
E muitos quase tão grandes que morreram
Porque você odiava a paz. Eu posso me lembrar
Das pessoas gritando quando Deirdre faleceu
E Maine Morgor tinha um olho cinza frio.
Pois bem, vou jogar este restinho no chão,
Pois pode ser que estejam com sede.

UM REI.

Fique calado, idiota.

OUTRO REI.

Fique quieto, Daire.

CONCOBAR.

Deixe-o falar o que pensa.
Não preciso ter medo de fantasmas,
Pois fiz guerras apenas necessárias.
Eu lutei para fortalecer Emain, ou por que

Quando as guerras acontecem, eles se casam e geram
E têm suas gerações como a humanidade
E não há como evitar; mas estou bem contente
Que eles tenham terminado e deixado a cidade tão grande,
Que seu mero nome será nos tempos que virão
Como um grande barril de cerveja onde os homens do
mundo
Não beberão cerveja comum, mas a áspera,
A insaciável esperança, a amizade da espada.
(Ele pega placas finas nas quais os planos foram esculpido
por aqueles ao seu redor)
Dê-me os planos de construção, e você escreveu
Que nós — Cuchullain está olhando em seu escudo;
Pode ser que os pálidos cavaleiros do vento
Joguem imagens nele, ou que Mananan,
Amigo de seu pai e algum dia adotivo,
Conhecedor de todas as coisas, lançou uma visão,
Fora da escuridão fria do mar rico,
Predizendo a grandeza de Emain.

CUCHULLAIN.

Não, grande rei
Eu olhei para isso por mera ociosidade,
Imaginando uma mulher que eu amava.
(O som de uma trombeta do lado de fora.)

CONCOBAR.

Abra a porta, pois é a trombeta de um arauto.
(A grande porta na parte de trás está aberta; um jovem
que está totalmente armado e carrega um escudo com uma
cabeça de mulher pintada está na soleira. Atrás dele estão
os trompetistas. Ele caminha até o centro do salão, o cessa
a trombeta.)

Qual é a sua mensagem?

JOVEM HOMEM.

Eu sou do exército de Aoife.

PRIMEIRO REI.

A rainha Aoife e seu exército caíram sobre nós.

SEGUNDO REI.

Desembainhar espadas! Desembainhar espadas!

TERCEIRO REI.

Eles estão sobre a casa.

QUARTO REI.

Saiam rápido! Saiam rápido! Antes de incendiarem a palha.

JOVEM HOMEM.

Aoife está longe. Eu estou sozinho
Eu vim sozinho no meio de vocês
Para pesar esta espada contra a espada de Cuchullain.
(Há um murmúrio entre os reis.)

CONCOBAR.

E você é nobre? pois, se de semente comum,
Você não pode pesar sua espada contra a espada dele,
Mas em batalha mista.

JOVEM HOMEM.

Estou sob obrigações
Para não dizer meu nome a ninguém, mas é nobre.

CONCOBAR.

Mas eu saberia seu nome e não seus vínculos.
Você não pode falar na Assembleia
Se não for nobre.

UM REI.

Responda ao Rei Supremo.

JOVEM HOMEM.

(puxando sua espada) Não darei outra prova além do falcão
Que não é um pardal. (Ele fica em silêncio por um momento
e depois fala com todos.)

No entanto, olhem para mim, reis;
Eu também sou daquela semente ancestral e carrego
Os sinais sobre este corpo e nestes ossos.

CUCHULLAIN.

Ter mostrado a pena cinza do falcão é o suficiente
E você fala muito bem.

(Cuchullain desce de sua grande cadeira. Ele permanece de
pé nos degraus da cadeira. Os jovens reis se reúnem em
torno dele e começam a armá-lo.)

Dê-me esse capacete!

Eu pensei que eles estavam cansados de enviar campeões.
Esse casaco vai servir. Eu meio que tinha esquecido, garoto,
Como todos aqueles grandes reis caíram na ratoeira
Que haviam sido fisgados com a linda filha de Maeve.
Como Findabair, aquele Findabair de olhos azuis—
Mas a história é digna de uma noite de inverno.
Essa fivela deve ser mais apertada. Dê-me seu escudo.

Há um bom terreno nivelado no teixo de Baile.
Algumas dezenas de metros daqui, e é a verdade
Que estou triste hoje e esta luta é bem-vinda.
(Ele olha fixamente para o jovem e depois desce para o
chão da Assembleia. Ele agarra o jovem pelo ombro.)
Aqui para a luz. (Voltando-se para um dos jovens reis)

Essa é a própria tonalidade
dela de que eu estava falando, mas agora:
nenhuma diferença. (Para o jovem)

Você é do Norte
Onde há muitos que têm aquela tonalidade de cabelo
Castanho avermelhado, o castanho avermelhado
claro. Aproxime-se, garoto!
Para eu dar uma outra olhada em você.
Há mais semelhança, uma face pálida, uma face de pedra
pálida.
O que trouxe você, garoto? Você não tem medo da morte?

JOVEM HOMEM.

Se eu vivo ou morro está nas mãos dos Deuses.

CUCHULLAIN.

Isso é tudo palavras, todas as palavras, conversa de um
jovem;
Eu sou seu arado, sua grade, sua própria força,
Pois aquele que está no sol gerou este corpo
Sobre uma mulher mortal, e eu ouvi dizer
Que parecia que ele havia ultrapassado a lua,
Que ele sempre deve seguir através do céu devastado,
Ele amou tão feliz. Ele será lento
Para quebrar uma árvore que foi tão docemente plantada.
Vamos ver esse braço; Vou ver se quiser.
Esse braço tinha um bom pai e uma boa mãe
Mas não é assim.

JOVEM HOMEM.

Você está zombando de mim.
Você acha que não sou digno de ser combatido,
Mas não vou discutir, senão com esta faca falante.

CUCHULLAIN.

Levante sua espada, não estou zombando de você
Eu teria você como meu amigo, mas se não for
Porque você tem um coração quente e um olho frio
Eu não posso dizer o motivo. Você tem a ferocidade dela
E ninguém é tão feroz quanto aquelas mulheres pálidas.
(para os jovens reis)
Vamos mantê-lo aqui em Muirthemne por um tempo.

UM REI JOVEM.

Você é o líder de nossa matilha e, portanto,
Pode clamar o que quiser.

CUCHULLAIN.

Você vai parar conosco
E nós vamos caçar veados e touros selvagens
E, quando estivermos cansados, acenderemos nossas
fogueiras
Em lugares arenosos onde a espuma branca de lã
está murmurando e quebrando, e talvez
Aquelas mulheres de cabelos compridos saiam das dunas
Para dançar na luz amarela do fogo; Você baixa a cabeça,
Jovem, como se não fosse uma vida boa;
E, no entanto, o que é melhor do que arremessar a lança,
E ouvir a harpa de longa memória e dançar;
A amizade cresce mais rápido na escuridão murmurante;
Mas eu posso ver que não há mais necessidade de palavras
E que você será meu amigo agora.

PRIMEIRO ANTIGO REI.

Concober Proibiu amizade deles,
Pois será distorcida
Para uma reprovação contra nós.

CONCOBAR.

Até agora
Eu nunca precisei clamar por Cuchullain
E não faria agora.

PRIMEIRO ANTIGO REI.

Eles dirão que sua masculinidade foi saciada.

CUCHULLAIN.

Vou te dar presentes, mas terei algo também.
Uma braçadeira ou algo parecido, e se você quiser
Nós lutaremos por isso quando você for mais velho, garoto.

UM ANTIGO REI.

Aoife vai fazer uma história com isso.

CUCHULLAIN.

Bem, bem, o que importa, vou ficar com aquele
bracelete, garoto.

JOVEM HOMEM.

Não há homem que eu prefira ter meu amigo
Do que você, cujo nome correu o mundo
Como se fosse o vento, mas Aoife diria que
eu me tornei covarde.

CUCHULLAIN.

Vou te dar presentes
Que Aoife conhecerá e todo o seu povo saberá
Ter sido presentes meus. Mananan filho do mar
Me deu este pesado manto roxo. Nove Rainhas
da Land-Under-Wave o haviam tecido
Com os véus do mar. Oh! diga a ela que
Eu estava com medo, ou diga o que quiser.
Não! diga a ela que ouvi um corvo coaxar
No lado norte da casa e fiquei com medo.

UM ANTIGO REI.

Alguma bruxa do ar perturbou a mente de Cuchullain.

CUCHULLAIN.

Nada de bruxaria, sua cabeça é como a cabeça de uma
mulher pela qual
Eu tinha uma queda.

SEGUNDO ANTIGO REI.

Uma bruxa do ar
Pode fazer uma folha nos confundir com memórias.
Elas foram à escola para aprender o truque.

CUCHULLAIN.

Mas não há truque nisso. Esse bracelete, rapaz.

TERCEIRO ANTIGO REI.

Ele não ficará sem luta, eu lutarei com ele.

QUARTO ANTIGO REI.

Não! Eu vou lutar com ele.

PRIMEIRO ANTIGO REI.

Eu reivindico a luta,
Pois quando nós enviamos um exército para sua terra—

SEGUNDO ANTIGO REI.

Eu reivindico a luta, pois uma das galeras de Aoife
Roubou meu grande caldeirão e uma manada de porcos.

TERCEIRO ANTIGO REI.

Não, não, eu reclamo, pois no tempo de Lammas—

CUCHULLAIN.

Voltem! Voltem! Coloquem suas espadas! Coloquem suas
espadas!

Não há ninguém vivo que aceitará um desafio
Que eu recusei. Laegaire, coloque sua espada.

JOVEM HOMEM.

Não, deixe-os vir, deixe-os três juntos.
Se eles quiserem, vou tentar com quatro.

CUCHULLAIN.

Isso é falado como eu falei na sua idade,
Mas você está na minha casa. Qualquer homem
Que lutar com você, lutará comigo.
Eles são burros. Eles são burros. Quantos de vocês
encontrariam (puxando sua espada)
Esse murmurador, esse velho assobiador, esse flautista,
Essa borda que é mais cinza que a maré, esse rato
Que está roendo as madeiras do mundo,

Esse, esse — Garoto, eu encontraria todos eles nos braços
Se eu tivesse um filho como você. Ele me vingaria
Quando eu tivesse resistido pela última vez aos homens
Cujos pais, irmãos, filhos e amigos eu matei
Sustentando Ullad; quando as quatro províncias
Se reunirem com os corvos sobre elas.
Mas eu não precisaria de vingador. Você e eu
Os espalharíamos como água de um prato.

JOVEM HOMEM.

Estaremos um ao lado do outro
Daqui em diante. Aqui está o anel.

CUCHULLAIN.

Não, vire e vire
Mas minha vez é a primeira, porque eu sou o mais velho.
Cliodna bordou essas asas de pássaro, mas Fand
Fez todos esses olhinhos dourados com os cabelos
Que ela roubou da barba de Aengus,
E, portanto, ninguém que tenha este manto sobre ele
É cruzado de amor. O pesado broche incrustado
Que Buan martelou também tem um mérito.

(Ele começa a estender a capa sobre um banco,
mostrando-a ao Jovem. De repente, Concoabar bate com sua
vara de prata em um pilar ao lado de sua cadeira. Todos se
voltam para ele.)

CONCOBAR.

(em voz alta) Chega disso, não terei essa amizade
Cuchullain é meu homem e eu proíbo;
Ele não ficará sem lutar por mim mesmo—

CUCHULLAIN.

(agarrando Concoabar) Você não deve mexer com o Rei Supremo, eu vou segurar você aí.

CONCOBAR.

A feitiçaria enlouquece você.

OS REIS.

(gritando) Sim, bruxaria, bruxaria.

UM REI.

Você viu a cabeça de outro sobre seus ombros
De repente, a cabeça de uma mulher Cuchullain,
Então ergueu sua mão contra o Rei de Ullad.

CUCHULLAIN.

(deixando Concoabar ir e olhando loucamente para ele)
Sim, sim, de repente, de repente.

DAIRE.

Por que não há bruxaria nisso, eu mesmo
Fiz uma centena dessas amizades repentinas
E lutei no dia seguinte. Mas isso foi loucura
Pois agora que estou velho sei que é melhor
Viver com conforto.

UM REI.

Afaste o idiota.

DAIRE.

Vou dar um tapinha no calcanhar naquele que morre.

CONCOBAR.

Alguma bruxa está flutuando no ar acima de nós.

CUCHULLAIN.

Sim, bruxaria, bruxaria e o poder da bruxaria. (Para o jovem)

Por que você fez isso? foram as filhas de Calatin?

Fora, eu digo, por enquanto é espada sobre espada.

JOVEM HOMEM.

Mas, mas, eu não fiz.

CUCHULLAIN.

Fora, eu digo, fora, fora!

Espada após espada; (Ele vai em direção à porta dos fundos seguido pelo Jovem. Ele vira na soleira e grita, olhando para o Jovem.)

Aquele cabelo em que minhas mãos estavam afogadas!

(Ele sai seguido pelo Jovem. Os outros Reis começam a segui-los.)

UM REI.

Eu o vi lutar com Ferdiad.

SEGUNDO REI.

Chegaremos tarde.

Eles estão demorando tanto para passar pela porta.

TERCEIRO REI.

Corra mais rápido, mais rápido.

DAIRE.

Eu estava no Smith's
Quando ele era o menino Setanta então—
(Som de luta lá fora)

TERCEIRO REI.

Ele o terá matado. Eles começaram a luta!

(Todos saem, deixando a casa silenciosa e vazia. Há uma pausa durante a qual se ouve o confronto das espadas. Barach e Fintain entram pela porta lateral. Barach está arrastando Fintain.)

BARACH.

Você o comeu, você o comeu, não me deixou nada além dos ossos.

FINTAIN.

Oh, se eu tivesse que suportar tal praga. Oh, eu estou todo dolorido. Oh, estou em pedaços. É assim que você me paga todo o bem que fiz a você!

BARACH.

Você o comeu, me contou mentiras sobre um cachorro selvagem. Ninguém viu um cachorro selvagem no local nestes doze meses. Deite lá até os reis chegarem. Ó, vou contar a Concoibar e Cuchullain e a todos os reis sobre você!

FINTAIN.

O que teria acontecido com você se não fosse por mim, e você sem seu juízo. Se eu não cuidasse de você, o que você

faria por comida e calor!

BARACH.

Voce cuida de mim? Você fica seguro e me envia para todo tipo de perigo. Você me mandou descer o penhasco em busca de ovos de gaivota enquanto aquecia seus olhos cegos no sol. E então você comeu tudo que era bom para comer. Você me deixou os ovos que não eram nem ovo nem ave. (O cego tenta se levantar. Barach o faz deitar novamente.)

Fique quieto até eu fechar a porta. Há algum barulho lá fora. Existem espadas cruzando; um ruído alto e irritante, de modo que não consigo ouvir a mim mesmo. (Ele vai até a porta grande nos fundos e a fecha.) Por que eles não podem ficar quietos, por que não podem ficar quietos? Ah, você escaparia, não é? (Ele segue o cego que estava rastejando ao longo da parede e o faz se deitar perto da cadeira do rei.) Deite-se ali, deite-se ali. Não, você não vai fugir. Deite lá até os reis chegarem. Vou contar a eles tudo sobre você. Vou contar tudo. Como você senta se aquecendo, quando você me faz acender uma fogueira de gravetos, enquanto eu sento soprando com minha boca. Você não me faz pegar o lado ventoso do mato quando sopra e o lado chuvoso quando chove?

FINTAIN.

Ó bom tolo, me escute. Pense no cuidado que tenho tomado por você. Trouxe-te a muitas lareiras calorosas, onde te foi muito bem recebido, mas tu não querias ficar aí, estavas sempre a vaguear.

BARACH.

Da última vez que você me trouxe, não fui eu que me afastei, mas você que se assustou porque tirou a ração da

panela, quando achou que ninguém estava olhando. Fique quieto agora, fique quieto até eu fechar a porta. Aqui está Cuchullain, agora você será espancado. Vou contar tudo a ele.

CUCHULLAIN.

(entra e diz para o tolo) Dá-me esse chifre. (O tolo dá a ele um chifre que Cuchullain enche de cerveja e bebidas.)

FINTAIN.

Não dê ouvidos a ele, me escute.

CUCHULLAIN.

Sobre o que você está discutindo?

BARACH.

Ele é gordo e não serve para nada. Ele me deixou os ossos e as penas.

CUCHULLAIN.

Quais penas?

BARACH.

Eu o deixei girando uma ave no fogo. Ele comeu tudo. Ele não me deixou nada além de ossos e penas.

FINTAIN.

Não acredite nele. Você não sabe o quão vaidoso é esse idiota. Eu dei as penas a ele, porque achei que ele não gostaria de nada tão bem.

(Barach está sentado em um banco brincando com uma pilha de penas que tirou do peito de seu casaco.)

BARACH.

(cantando) Quando você era uma bolota no topo da árvore—

FINTAIN.

Onde ele estaria, senão por mim? Devo estar sempre pensando, pensando em conseguir comida para nós dois, e quando tivermos, se a lua estiver cheia ou a maré virando, ele vai deixar o coelho na armadilha até que esteja cheio de vermes, ou deixar a truta escorregar por suas mãos de volta para a água.

BARACH.

(cantando) Quando você era uma bolota no topo da árvore,
Então eu era um galo cata-vento;
Agora que você é um bloco velho e murcho,
Ainda sou um galo cata-vento!

FINTAIN.

Ouçá-o agora! Esse é o tipo de conversa que tenho que aguentar dia após dia. (O tolo está colocando penas no cabelo. Cuchullain tira um punhado de penas da pilha e do cabelo do tolo e começa a limpar o sangue de sua espada com eles.)

BARACH.

Ele tirou minhas penas para limpar sua espada. É sangue que ele está limpando de sua espada!

FINTAIN.

Sangue de quem? Sangue de quem?

CUCHULLAIN.

Daquele jovem campeão.

FINTAIN.

Daquele que veio do país de Aoife?

CUCHULLAIN.

Os Reis estão em volta de seu corpo.

FINTAIN.

Ele lutou por muito tempo?

CUCHULLAIN.

Ele pensou ter se salvado com bruxaria.

BARACH.

Aquele cego disse que ele te mataria. Ele veio do país de Aoife para matar você. Aquele cego disse que lhe ensinaram todo tipo de arma que ele poderia usar. Mas sempre soube que você iria matá-lo.

CUCHULLAIN.

(para o cego) Você o conhecia então?

FINTAIN.

Eu o vi quando tive meus olhos, no país de Aoife.

CUCHULLAIN.

Você estava no país de Aoife?

FINTAIN.

Eu conheci ele e sua mãe lá.

CUCHULLAIN.

Ele estava prestes a falar dela quando morreu.

FINTAIN.

Ele era filho de uma Rainha.

CUCHULLAIN.

Que Rainha, que Rainha? (Ele agarra o cego.)
Era Scathach? Houve muitas rainhas. Todos os governantes
eram Rainhas.

FINTAIN.

Não, não Scathach.

CUCHULLAIN.

Então era Uathach. Fala, fala!

FINTAIN.

Eu não posso falar, você está me segurando com muita
força. (Cuchullain o solta.) Não me lembro quem era. Não
tenho certeza. Foi alguma rainha.

BARACH.

Ele disse há pouco que o jovem era filho de Aoife.

CUCHULLAIN.

Ela? Não, não, ela não tinha filho quando eu estava lá.

BARACH.

Aquele cego disse que ela o tinha como seu filho.

CUCHULLAIN.

Eu preferia que ele fosse filho de outra mulher. Que pai ele tinha? Um soldado de Alba? Ela era uma mulher amorosa, uma mulher orgulhosa, pálida e amorosa.

FINTAIN.

Ninguém sabia de quem ele era filho.

CUCHULLAIN.

Ninguém sabia? Você sabia, velho ouvinte nas portas?

FINTAIN.

Não, não, eu não sabia de nada.

BARACH.

Ele disse há um tempo que ouviu Aoife se gabar de que ele nunca passou de um amante, e ele foi o único homem que a venceu na batalha. (Uma pausa.)

FINTAIN.

Alguém está tremendo. Por que você está tremendo, idiota? o banco está tremendo, por que você está

tremendo? Cuchullain vai nos machucar? Não fui eu quem te disse, Cuchullain.

BARACH.

É Cuchullain quem está tremendo. Ele está sacudindo o banco com os joelhos.

CUCHULLAIN.

Ele era meu filho e eu matei meu filho. (Uma pausa.)
Foram eles que fizeram isso, as pessoas pálidas e ventosas,
Onde, onde, onde? Minha espada contra o trovão.
Mas não, porque sempre foram meus amigos;
E embora eles adorem soprar uma brasa fumegante
Até que seja tudo chamas, as guerras que eles queimam
Estão cheias de glória e orgulho que eleva o coração,
E não assim; as guerras que amam despertam
Velhos dedos e as sonolentas cordas de harpas.
Quem fez isso então? Você está com medo; fale,
Pois eu te coloquei sob minha proteção
E vai te recompensar bem. Dubthach, o Chafer.
Ele tinha um antigo rancor. Não, porque ele está com
Maeve.
Laegaire fez isso. Por que você não fala?
O que é esta casa? (Uma pausa) Agora me lembro de tudo.

FINTAIN.

Ele vai nos matar. Oh, estou com medo!

CUCHULLAIN.

(que está diante da cadeira de Concoabar) Foi você quem fez
isso, você que se sentou aí
Com aquele velho galho de prata, como uma pega^[2]
Amamentando uma colher roubada. Pega, Pega,

Um verme que está comendo a terra;
(começa a golpear a cadeira com sua espada)
Não, mas uma pega porque ele foi levado embora.
Para onde ele voou?

FINTAIN.

Ele do lado de fora da porta.

CUCHULLAIN.

Do lado de fora da porta?

FINTAIN.

Ele está sob o teixo de Baile.

CUCHULLAIN.

Concobar, Concobar, a espada em seu coração.
(Ele sai. Uma pausa. O idiota vai até a grande porta dos fundos e olha para ele.)

BARACH.

Ele está indo até o Rei Concobar; eles estão todos sob a árvore. Não, não, ele está parado. Há uma grande onda que vai quebrar e ele está olhando para ela. Ah! agora ele está correndo para o mar, mas está segurando sua espada como se fosse para uma luta. (Uma pausa.) Bem atingido, bem atingido!

FINTAIN.

O que ele está fazendo agora?

BARACH.

Oh! ele está lutando contra as ondas.

FINTAIN.

Ele vê a coroa do Rei Concoabar em cada uma delas.

BARACH.

Lá, ele atingiu uma bem grande. Ele arrancou a coroa dela, ele fez a espuma voar. Mais uma vez, outra bem grande. (gritando exteriormente)

FINTAIN.

Onde estão os Reis? O que os Reis estão fazendo?

BARACH.

Eles estão gritando e correndo para a praia, e as pessoas estão correndo para fora das casas, todas estão correndo.

FINTAIN.

Você diz que eles estão correndo para fora das casas, não vai sobrar ninguém nas casas. Ouça, idiota.

BARACH.

Pronto, ele caiu! Ele está de pé de novo! Ele está indo para as águas profundas.

FINTAIN.

Venha aqui, idiota; vem aqui, eu falei.

BARACH.

(vindo em sua direção, mas olhando para trás em direção à porta.) O que é?

FINTAIN.

Não haverá ninguém nas casas. Venha por aqui, venha rápido; os fornos ficarão cheios, colocaremos nossas mãos dentro dos fornos. (Eles saem.)

O Autor

William Butler Yeats, (1865 - 1939), poeta irlandês, dramaturgo e escritor de prosa, um dos maiores poetas de língua inglesa do século 20. Ele recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1923.

O pai de Yeats, John Butler Yeats, era um advogado que acabou se tornando um pintor de retratos. Sua mãe, antes Susan Pollexfen, era filha de um próspero comerciante em Sligo, no oeste da Irlanda. Através de ambos os pais, Yeats alegou parentesco com várias famílias protestantes anglo-irlandesas que são mencionadas em sua obra. Normalmente, esperava-se que Yeats se identificasse com sua tradição protestante, que representava uma poderosa minoria entre a população predominantemente católica romana da Irlanda, mas não o fez. Na verdade, ele estava separado de ambas as tradições históricas disponíveis para ele na Irlanda — dos católicos romanos, porque ele não podia compartilhar sua fé, e dos protestantes, pois ele se sentia repellido por sua preocupação com o sucesso material. A melhor esperança de Yeats, ele sentia, era cultivar uma tradição mais profunda do que a católica ou a protestante — a tradição de uma Irlanda oculta que existia em grande parte na evidência antropológica de seus costumes, crenças e lugares sagrados sobreviventes, mais pagãos do que cristãos.

Em 1867, quando Yeats tinha apenas dois anos, sua família mudou-se para Londres, mas ele passou grande parte da infância e das férias escolares em Sligo com os avós. Este país — seu cenário, folclore e lenda sobrenatural

— iria colorir a obra de Yeats e formar o cenário de muitos de seus poemas. Em 1880, sua família voltou para Dublin, onde ele cursou o ensino médio. Em 1883 frequentou a Metropolitan School of Art de Dublin, onde a parte mais importante da sua educação consistiu em conhecer outros poetas e artistas.

Enquanto isso, Yeats estava começando a escrever: sua primeira publicação, dois poemas curtos, apareceu na *Dublin University Review* em 1885. Quando a família voltou para Londres em 1887, Yeats assumiu a vida de escritor profissional. Ele ingressou na Sociedade Teosófica, cujo misticismo o atraía porque era uma forma de vida imaginativa muito distante do mundo cotidiano. A era da ciência foi repelente para Yeats; ele era um visionário e fazia questão de se cercar de imagens poéticas. Ele começou um estudo dos livros proféticos de William Blake, e esse empreendimento o colocou em contato com outras tradições visionárias, como a platônica, a neoplatônica, a Swedenborgiana e a alquímica.

Yeats já era um jovem orgulhoso, e seu orgulho exigia que ele confiasse em seu próprio gosto e em seu senso de estilo artístico. Ele não era arrogante, mas a arrogância espiritual era fácil para ele. Seus primeiros poemas, compilados em *The Wanderings of Oisín, and Other Poems* (1889), são o trabalho de um esteta, muitas vezes bonito, mas sempre rarefeito, o grito de uma alma por libertação das circunstâncias.

Yeats rapidamente se envolveu na vida literária de Londres. Ele se tornou amigo de William Morris e W.E. Henley, e foi cofundador do Rhymers' Club, cujos membros incluíam seus amigos Lionel Johnson e Arthur Symons. Em 1889, Yeats conheceu Maud Gonne, uma beleza irlandesa, ardente e brilhante. A partir daquele momento, como ele

escreveu, “começou a perturbação da minha vida”. Ele se apaixonou por ela, mas seu amor era impossível. Maud Gonne gostava dele e o admirava, mas não o amava. Sua paixão era derramada sobre a Irlanda; ela era uma patriota irlandesa, rebelde e retórica, comandando em voz e em pessoa. Quando Yeats se juntou à causa nacionalista irlandesa, ele o fez em parte por convicção, mas principalmente por amor a Maud. Quando a peça de Yeats, *Cathleen ni Houlihan*, foi apresentada pela primeira vez em Dublin em 1902, ela desempenhou o papel-título. Foi durante este período que Yeats ficou sob a influência de John O’Leary, um líder carismático dos Fenianos, uma sociedade secreta de nacionalistas irlandeses.

Após o rápido declínio e morte do polêmico líder irlandês Charles Stewart Parnell em 1891, Yeats sentiu que a vida política irlandesa perdeu seu significado. O vácuo deixado pela política poderia ser preenchido, ele sentia, pela literatura, arte, poesia, drama e lenda. *The Celtic Twilight* (1893), um volume de ensaios, foi o primeiro esforço de Yeats nesse sentido, mas o progresso foi lento até 1898, quando conheceu Augusta Lady Gregory, uma aristocrata que se tornaria uma dramaturga e sua amiga íntima. Ela já estava colecionando velhas histórias, o folclore do oeste da Irlanda. Yeats descobriu que essa tradição combinava com seu sentimento por rituais antigos, por crenças pagãs nunca totalmente destruídas pelo cristianismo. Ele sentiu que se pudesse tratá-lo com um estilo estrito e elevado, ele criaria uma poesia genuína enquanto, em termos pessoais, se movia em direção à sua própria identidade. A partir de 1898, Yeats passou os verões na casa de Lady Gregory, Coole Park, County Galway, e acabou comprando um castelo normando em ruínas chamado Thoor Ballylee na vizinhança. Sob o nome de Torre, essa estrutura se tornaria um símbolo dominante em muitos de seus melhores e mais recentes poemas.

Em 1899, Yeats pediu a Maud Gonne em casamento, mas ela recusou. Quatro anos depois, ela se casou com o Major John MacBride, um soldado irlandês que compartilhava seus sentimentos pela Irlanda e seu ódio pela opressão inglesa: ele foi um dos rebeldes mais tarde executados pelo governo britânico por sua participação no Levante da Páscoa de 1916. Enquanto isso, Yeats dedicou-se à literatura e ao drama, acreditando que poemas e peças iriam engendrar uma unidade nacional capaz de transfigurar a nação irlandesa. Ele (junto com Lady Gregory e outros) foi um dos criadores do Irish Literary Theatre, que fez sua primeira apresentação em Dublin em 1899 com a peça de Yeats, *The Countess Cathleen*. Até o final de sua vida, Yeats permaneceu como diretor deste teatro, que se tornou o Abbey Theatre em 1904. No período crucial de 1899 a 1907, ele administrou os negócios do teatro, encorajou seus dramaturgos (notadamente John Millington Synge) e contribuiu com muitas de suas próprias peças. Entre as últimas que se tornaram parte do repertório do Abbey Theatre estão *The Land of Heart's Desire* (1894), *Cathleen ni Houlihan* (1902), *The Hour Glass* (1903), *The King's Threshold* (1904), *On Baile's Strand* (1905) e *Deirdre* (1907).

Yeats publicou vários volumes de poesia durante este período, notavelmente *Poems* (1895) e *The Wind Between the Reeds* (1899), que são típicos de seus primeiros versos em sua atmosfera onírica e seu uso do folclore irlandês e lendas. Mas nas coleções *In the Seven Woods* (1903) e *The Green Helmet* (1910), Yeats lentamente descartou as cores e ritmos pré-rafaelitas de seus primeiros versos e purificou-os de certas influências celtas e esotéricas. Os anos de 1909 a 1914 marcam uma mudança decisiva em sua poesia. A atmosfera extática e sobrenatural das primeiras letras se dissipou, e os poemas em *Responsibilities: Poems and a Play* (1914) mostram um aperto e endurecimento de sua linha de versos, uma imagem mais esparsa e

ressonante e uma nova franqueza com a qual Yeats confronta realidade e suas imperfeições.

Em 1917, Yeats publicou *The Wild Swans at Coole*. A partir de então, ele alcançou e manteve o auge de sua realização — uma renovação da inspiração e um aperfeiçoamento da técnica que são quase sem paralelo na história da poesia inglesa. *The Tower* (1928), que leva o nome do castelo que ele possuía e restaurou, é obra de um artista talentoso; nele, a experiência de uma vida inteira é levada à perfeição da forma. Ainda assim, alguns dos maiores versos de Yeats foram escritos posteriormente, aparecendo em *The Winding Stair* (1929). Os poemas em ambas as obras usam, como seus temas e símbolos dominantes, o Levante da Páscoa e a guerra civil irlandesa; A própria torre de Yeats; o Império Bizantino e seus mosaicos; Platão, Plotino e Porfírio; e o interesse do autor na pesquisa psíquica contemporânea. Yeats explicou sua própria filosofia na obra em prosa *A Vision* (1925, versão revisada em 1937); esta meditação sobre a relação entre imaginação, história e o oculto permanece indispensável para estudantes sérios de Yeats, apesar de suas obscuridades.

Em 1913, Yeats passou alguns meses em Stone Cottage, Sussex, com o poeta americano Ezra Pound atuando como seu secretário. Pound estava então editando traduções de peças japonesas Nô, e Yeats ficou muito animado com elas. O drama Nô forneceu uma estrutura de drama projetada para um pequeno público de iniciados, um drama íntimo e estilizado capaz de usar totalmente os recursos oferecidos por máscaras, mímica, dança e música e transmitir — em contraste com o teatro público — o próprio recôndito de Yeats simbolismo. Yeats concebeu o que considerou um equivalente do drama Nô em peças como *Four Plays for*

Dancers (1921), *At the Hawk's Well* (apresentada pela primeira vez em 1916) e várias outras.

Em 1917, Yeats pediu Iseult Gonne, filha de Maud Gonne, em casamento. Ela recusou. Algumas semanas depois, ele propôs a senhorita George Hyde-Lees e foi aceito; eles se casaram em 1917. Uma filha, Anne Butler Yeats, nasceu em 1919, e um filho, William Michael Yeats, em 1921.

Em 1922, com a fundação do Estado Livre da Irlanda, Yeats aceitou um convite para se tornar membro do novo Senado irlandês: ele serviu por seis anos. Em 1923 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Agora uma figura célebre, ele foi indiscutivelmente um dos poetas modernos mais significativos. Em 1936, seu *Oxford Book of Modern Verse, 1892-1935*, uma reunião dos poemas que ele amava, foi publicado. Ainda trabalhando em suas últimas peças, ele completou *The Herne's Egg*, sua obra mais estridente, em 1938. As duas últimas coleções de versos de Yeats, *New Poems and Last Poems and Two Plays*, apareceram em 1938 e 1939, respectivamente. Nestes livros muitos de seus temas anteriores são reunidos e reaproveitados, com um imenso alcance técnico; o poeta idoso estava usando ritmos de balada e estrutura de diálogo com energia inalterada enquanto se aproximava de seu 75º ano.

Yeats morreu em janeiro de 1939 enquanto estava no exterior. Os preparativos finais para seu enterro na Irlanda não puderam ser feitos, então ele foi enterrado em Roquebrune, França. A intenção de enterrar seu corpo em Sligo foi frustrada quando a Segunda Guerra Mundial começou no outono de 1939. Em 1948 seu corpo foi finalmente levado de volta para Sligo e enterrado em um pequeno cemitério protestante em Drumcliffe, como ele especificou em "Sob Ben Bulben", em seus *Last Poems*, sob

seu próprio epitáfio: “Lance um olhar frio / Na vida, na morte./ Cavaleiro, passe adiante!”

Se Yeats tivesse parado de escrever aos 40 anos, ele provavelmente seria agora avaliado como um poeta menor, escrevendo em uma tradição pré-rafaelita moribunda que havia atraído beleza e pungência renovadas por um tempo desde o renascimento celta. Não há precedente na história literária para um poeta que produziu sua maior obra entre as idades de 50 e 75. A obra de Yeats desse período ganha força de seu longo e dedicado aprendizado da poesia; de seus experimentos em uma ampla gama de formas de poesia, drama e prosa; e de seu crescimento espiritual e sua aquisição gradual de sabedoria pessoal, que ele incorporou à estrutura de sua própria mitologia.

A mitologia de Yeats, da qual surge o simbolismo destilado de seu grande período, nem sempre é fácil de entender, nem Yeats pretendia que seu significado completo fosse imediatamente aparente para aqueles não familiarizados com seu pensamento e a tradição em que trabalhou. Sua própria visão cíclica da história sugeria-lhe uma recorrência e convergência de imagens, para que se multiplicassem e se enriquecessem; e esse enriquecimento progressivo pode ser rastreado ao longo de sua obra. Entre as imagens dominantes de Yeats estão Leda e o Cisne; Helena e o incêndio de Tróia; a Torre em suas várias formas; o sol e a lua; a casa em chamas; caverna, árvore espinhosa e poço; águia, garça, gaivota e falcão; cego, coxo e mendigo; unicórnio e fênix; e cavalo, cão de caça e javali. No entanto, essas imagens tradicionais são continuamente validadas por seu alinhamento com a própria experiência pessoal de Yeats, e é isso que lhes dá sua qualidade peculiarmente vital. Nos versos de Yeats, eles são muitas vezes moldados em uma retórica forte e orgulhosa e nos muitos tons poéticos dos quais ele era o mestre. Todos são

informados pelas duas qualidades que Yeats valorizava e que manteve até a velhice — paixão e alegria.

[1] *Conaille Muirthemne* foi um reino Cruithin localizado no condado de Louth, Irlanda, desde antes de 688 até depois de 1107 aproximadamente.

[2] *Pega*: ave da família corvidae, incluindo o pega-rabuda branco e preto, que é uma das poucas espécies animais capazes de reconhecerem a si mesmas em um teste do espelho.